THE ATLANTEAN SHADOW



WHAT WOULD YOU DO TO STAY HUMAN?

BRIAN MONTEER

THE AWAKENED · LIVRO UM

Capítulo um · Amostra grátis em português

CAPÍTULO UM

O sangue chama o sangue

The Awakened, Livro Um · Capítulo um · Tradução para o português (Brasil)

Elara Voss acordou com gosto de água salgada e de sangue.

Não em sentido figurado. Não na névoa meio lembrada de um pesadelo. Acordou com o gosto de cobre do sangue cobrindo a língua e a mordida mineral da água do mar queimando o fundo da garganta, e por três segundos terríveis não conseguiu lembrar onde estava nem o que era.

A barraca foi tomando forma devagar ao redor dela: as paredes de lona ondulando com o vento que vinha da costa turca antes do amanhecer, o brilho laranja da lanterna de acampamento no mínimo, o peso familiar do saco de dormir enrolado nas pernas. Real. Normal. Seguro.

Exceto pela água.

Três semanas antes, sua maior preocupação tinha sido a reunião do departamento sobre o currículo do ano seguinte. Ela havia discutido com o doutor Whitfield sobre acrescentar uma parte prática de trabalho de campo à disciplina introdutória do segundo ano. Tinham chegado a um acordo tomando um café ruim na sala dos professores, e ela sentiu que havia ganhado alguma coisa.

Agora não conseguia lembrar como era a sensação de ganhar.

O travesseiro estava encharcado, e quando tocou o rosto os dedos saíram molhados. Não era suor. A umidade tinha a viscosidade errada, o cheiro errado. Levou a mão ao nariz e inspirou: salmoura. Oceano. Como se tivesse nadado em águas profundas enquanto dormia, embora o Mediterrâneo ficasse a quase um quilômetro dali e ela tivesse passado oito horas inconsciente.

Os lençóis estavam úmidos da mesma coisa. O cabelo, colado ao crânio. O sal tinha cristalizado nos cantos dos olhos e na cova da garganta. Ela parecia uma afogada.

E por baixo da confusão e do pavor que avançava havia algo pior: uma sede que não tinha nada a ver com água. Subia de algum lugar dentro do peito como uma coisa física, com garras, uma dor que fazia os dentes doerem e os músculos do maxilar travarem. O tipo de sede que não se saciava com nada que ela estivesse disposta a nomear.

Lá fora, alguma coisa chapinhou na escuridão. Perto demais da escavação. Deliberado demais para ser onda.

Elara prendeu a respiração. As paredes de lona ondularam e depois ficaram imóveis. O vento tinha morrido por completo. E no silêncio repentino ela conseguiu ouvir: um som como uma respiração,

úmida e paciente, rodeando a barraca.

Depois, nada. Só o murmúrio distante do Mediterrâneo e o próprio coração trovejando nos ouvidos.

A doutora Elara Voss — trinta e quatro anos, professora de arqueologia em vias de efetivação na Universidade Columbia, mulher de ciência e de razão — ficou sentada na barraca, na madrugada turca, esforçando-se muito para não pensar no que tudo aquilo podia significar.

. . .

Os sonhos estavam piorando.

Três meses antes tinham começado como impressões vagas: nadar na escuridão, vozes cantando numa língua desconhecida. Ela dissera a si mesma que eram sonhos de estresse, a ansiedade pela expedição se manifestando enquanto dormia. Mas a cada noite ficavam mais vívidos. Mais específicos. Mais reais.

O da noite passada tinha sido o pior até então.

Ela havia caminhado por câmaras escavadas na rocha viva, com paredes cobertas de símbolos que brilhavam com luz própria, pulsando no ritmo de algo que podia ser o coração dela ou podia ser o de outra coisa por completo. Os símbolos se moviam enquanto ela olhava, mudando e fluindo como seres vivos, escrevendo-se em configurações novas que sua mente consciente não conseguia ler, mas que algo mais fundo entendia perfeitamente.

No centro da câmara, um poço. Não de água. De algo mais espesso, mais escuro, que se movia com correntes que não tinham nada a ver com vento ou maré. Algo que tinha um propósito.

No sonho ela se aproximou, puxada por uma compulsão à qual não conseguia resistir, e quando olhou para as profundezas viu rostos. Centenas. Milhares. Subindo da escuridão como cadáveres que flutuam até a superfície de um lago, de olhos abertos, conscientes e famintos.

As bocas se moviam em uníssono, falando numa língua que ela não deveria entender, mas entendia, com o significado gravando-se direto na mente: Irmã. Filha. Sacerdotisa. O sangue lembra. Volte para casa, para a água. Volte para casa, para nós.

E então um dos rostos subiu através da superfície, a mão rompendo-a com um som de seda rasgando, os dedos alongados e terminados em algo que podiam ser garras, e tocou nela...

Foi quando acordou. Ofegante. Encharcada. Com gosto de sal e de cobre.

Elara tateou em busca do celular. 4h47 da manhã. Acendeu a lanterna e se olhou no espelhinho que guardava perto da nécessaire.

Seus olhos estavam errados.

Só por um instante — menos de um segundo, mal o bastante para registrar — a luz da lamparina os pegou de lado e eles a devolveram com um brilho opalescente, como óleo sobre a água ou as escamas de um peixe apanhado pelo sol. Uma ondulação iridescente que não deveria existir em tecido humano.

Ela piscou com força. O efeito sumiu. Só os seus olhos normais olhando de volta: castanho-escuros, vermelhos pela falta de sono.

Mas ela tinha visto. E não era a primeira vez.

. . .

O diário da avó estava na bolsa de campo.

Ela o trouxera mesmo sabendo que era irracional, mesmo com toda a sua formação profissional gritando que não se baseia uma expedição arqueológica em mistérios de família e avisos enigmáticos de parentes mortos. Elena Castellanos tinha sido antropóloga antes de o casamento encerrar sua carreira nos anos 1960. O diário ficara escondido numa gaveta trancada, e só apareceu quando Elara e a mãe organizaram o espólio depois do enterro, dois anos antes.

A mãe tentara ficar com ele. Chegou a arrancá-lo das mãos de Elara com uma violência desesperada. "Não leia isso", disse Maria Voss, com a voz tensa e estranha. "Me deixe queimar. Minha mãe não estava bem no fim."

Mas Elara segurou firme. Ficou acordada até as três da manhã lendo cada palavra. E o que encontrou não foram os devaneios confusos de uma mente em ruínas. Era preciso. Metódico. Aterrorizante.

A avó tinha passado décadas rastreando criaturas que chamava de Aqueos — os Afogados, sacerdotes de Atlântida que haviam feito um pacto com algo dos lugares profundos e se transformado em algo capaz de sobreviver ao cataclismo. Escrevera sobre um organismo que o professor Vanderpool, da Universidade Blackmore, acreditava ser anterior à própria Terra, algo que chegara às fossas oceânicas vindo de algum lugar além das estrelas. Tinha documentado seus próprios encontros com essas coisas. Seu próprio laço de sangue com elas.

Uma passagem estava marcada com uma fita, a página dobrada como se a avó quisesse que alguém a encontrasse:

Atenas. 15 de junho de 1968.

Hoje eles me encontraram. Depois de quarenta e três anos fugindo, um deles me encontrou na Plaka. Parecia humano. Os turistas passavam por ele sem um segundo olhar. Mas eu soube o que ele era no instante em que nossos olhos se cruzaram. O brilho. Aquele lampejo opalescente que marca os nossos, os que carregam o sangue antigo, queiramos ou não.

Ele falou direto na minha mente: "Irmã. Filha. O sangue chama o sangue. Você não pode fugir para sempre."

Eu disse que tinha recusado a transformação. Que tinha escolhido a humanidade.

Ele sorriu. Foi a coisa mais terrível que já vi. "Não existe recusa", disse ele. "O sangue lembra o que a mente esquece. A linhagem de Lyera não termina: ela se transforma."

E ela deixara um aviso para quem viesse depois:

A sede vem primeiro. Depois os sonhos. Depois as mudanças físicas. Quando o seu reflexo começar a brilhar, quando você acordar com gosto de sangue e de sal, aí você saberá que começou. Fuja se puder. Lute se precisar. Mas, faça o que fizer, não entre na água.

Do lado de fora da barraca, aquele som de respiração úmida voltou. Mais perto agora.

O celular de Elara vibrou. Uma mensagem de Jenna Torres, sua aluna de pós-graduação:

Bom dia, professora. O café está pronto. E mais: a senhora ouviu alguma coisa ontem à noite? Alguns de nós acharam que ouviram um canto vindo da costa por volta das 2 da manhã. Deviam ser pescadores, mas foi... estranho.

Canto. Vindo da costa. Às 2 da manhã. A mesma hora em que ela sonhava com vozes chamando-a de irmã.

Ela respondeu: Chego em 20. E Jenna: não chegue perto da água sozinha. Avise os outros também. Estou falando sério.

Enviou a mensagem antes que pudesse se arrepender. Porque em algum lugar fundo dos ossos, naquele lugar onde o sangue lembrava o que a mente tentava esquecer, ela sabia que estavam sendo observados.

E o que os observava já não era humano.

. . .

Às três da tarde, Elara quase tinha se convencido de que imaginara tudo.

O dia tinha sido brutal e banalmente normal. Oito horas escavando o quadrante F-7, tirando com cuidado a areia de fragmentos de cerâmica e de ferramentas de bronze corroídas. Jenna Torres documentara tudo com sua minúcia característica: fotografias, esboços, coordenadas de GPS, notas de campo detalhadas que seriam a espinha dorsal da primeira publicação deles. David Chen fotografara a kylix que haviam desenterrado na véspera, uma taça da Idade do Bronze tão bem preservada que nem os colegas mais céticos de Elara poderiam descartá-la.

Nada de incomum. Nada de sobrenatural. Só arqueologia.

Ela tinha visto a equipe trabalhar com a eficiência que fizera desta a melhor expedição da sua carreira. Jenna Torres, vinte e seis anos, terminando a tese sobre rotas comerciais marítimas da Idade do Bronze: brilhante, meticulosa, confiando por completo na professora. Guardava uma foto do gato, um tigrado laranja e gordo chamado Professor Bigodes, colada na parte de dentro da tampa da caixa de equipamentos. Falava dele como algumas pessoas falam dos filhos. David Chen, vinte e oito anos, cuja fotografia arqueológica já havia aparecido em três revistas importantes: talentoso, dedicado, sem a menor ideia de que a líder da expedição escondia segredos que desafiavam qualquer explicação racional.

Porque essa era a verdade que Elara nunca tinha contado a ninguém: sua estranha capacidade de localizar artefatos importantes não era sorte nem intuição. Era outra coisa. Algo que ela fazia a vida inteira.

Tinha sentido de novo naquela manhã, ao manusear a kylix com luvas. Aquele zumbido elétrico da história esperando para ser lida. Mesmo através do nitrilo ela conseguia perceber o passado do objeto: as mãos que o moldaram, os lábios que beberam dele, a viagem que o trouxera até ali. Se o tocasse com a pele nua, veria tudo. Sempre via.

Psicometria, alguns parapsicólogos chamavam. A capacidade de ler a história dos objetos pelo toque. Elara chamava de maldição. Tinha construído toda a carreira acadêmica sobre essa capacidade enquanto fingia que ela não existia, usando-a para guiar a pesquisa e sustentando a ficção de que era apenas excepcionalmente intuitiva. Uma fraude. Uma fraude de muito sucesso, com um cargo em vias de efetivação em Columbia, mas uma fraude mesmo assim.

E ultimamente a capacidade vinha ficando mais forte. Mais insistente. Mais difícil de controlar.

Na véspera, ela tocara a face do penhasco sem pensar e sentira: um lampejo de mãos entalhando símbolos na pedra. Não mãos da Idade do Bronze. Algo mais antigo. Algo errado. Dedos longos demais. Unhas afiadas demais. Pele que reluzia com uma umidade que não era suor.

Tinha afastado a mão antes que alguém notasse. Mas a imagem ficou com ela o dia inteiro.

. . .

Ela disse à equipe que precisava vistoriar o perímetro. Não era de todo mentira.

Mas a verdade era mais simples: precisava encarar a água. Precisava provar a si mesma que era só um oceano, só física e química, nada mais sinistro do que marés.

A trilha ao longo do penhasco descia serpenteando até uma enseada pequena que os levantamentos preliminares tinham marcado como de baixa prioridade. Exposta demais às ressacas. Erosão severa. Não valia o esforço.

Mas enquanto Elara seguia a trilha, a atração ficava mais forte a cada passo. Não era metafórica. Não era psicológica. Era física, como uma corrente percorrendo sua circulação e puxando-a para a frente. Como se algo na enseada estivesse chamando e o corpo dela respondesse em nível celular, por cima do pensamento consciente.

A enseada se abriu diante dela como uma mão em concha, com paredes de calcário de dez metros por três lados e poças de maré espalhadas entre os pedregulhos. Comum. Exatamente o que o levantamento previra.

Exceto pelo cheiro.

Ele a atingiu enquanto descia: doce, orgânico e errado. Como flores deixadas tempo demais em água parada. Como algo que um dia tinha sido bonito, mas que na escuridão se transformara em outra coisa por completo. E por baixo: cobre. Sangue.

Alguma coisa tinha morrido ali havia pouco.

Ela já estava dando meia-volta quando o ângulo do sol mudou. E viu a sombra.

Não uma simples sombra. Não a escuridão normal projetada por uma rocha saliente. Aquela era absoluta: uma escuridão na face do penhasco que a luz da tarde não conseguia penetrar, como se a própria sombra tivesse substância e resistisse ativamente à iluminação.

A entrada de uma caverna. Escondida por uma saliência que a tornava invisível de qualquer outro ângulo.

O medo a atingiu como um golpe físico. Um medo cru, primitivo, de cérebro reptiliano, que a fez querer correr, que fez cada instinto gritar perigo.

Mas ela não correu. Porque por baixo do medo havia outra coisa. Reconhecimento. Era isto que a vinha chamando. Esta escuridão. Este erro. Fosse o que fosse, o sangue dela conhecia.

Ela atravessou os pedregulhos com cuidado. Passou os dedos nus pela borda da abertura sem pensar.

E sentiu o choque elétrico do saber atingir sua mente:

Mãos. Centenas de mãos. Trabalhando na escuridão, em segredo, escavando o calcário sólido ao longo de séculos. Não mãos humanas. Os dedos eram longos demais. As unhas, afiadas demais. E não recuavam da água salgada que teria queimado a pele humana. Elas a acolhiam. Bebiam dela. Alimentavam-se dela...

Elara puxou a mão de volta, ofegante. A visão se cortou, deixando-a tonta e enjoada.

Os Aqueos. O diário da avó lhes dera nome. Aquilo tinha sido obra deles. O templo deles. O covil deles.

Ela devia ir embora. Ficar o mais longe deste lugar que fosse humanamente possível.

Mas a atração agora era avassaladora, tão forte que quase doía. Como se algo dentro da caverna chamasse por algo enterrado no fundo do seu DNA. A mesma coisa que a deixava ler objetos. A mesma coisa que vinha despertando dentro dela havia meses.

Cinco minutos, disse a si mesma. Só cinco minutos para ver o que há lá dentro. Para provar que tudo isso não passa de delírio paranoico e doença mental herdada.

Pegou o celular. Sem sinal. Claro que não havia.

Acendeu a lanterna e se espremeu pela fenda.

O ar mudou na hora: perdeu o toque de sal e ganhou o cheiro de criptas seladas e de tempo profundo, de espaços que respiravam o mesmo ar havia milênios. E por baixo, aquele cheiro doce e orgânico, mais forte agora, misturado a cobre e a algo químico que a mente dela queria classificar como conservante, mas que não batia com nenhum conservante que conhecesse.

A passagem era estreita, mal cabiam os ombros. Ela avançou de lado, arrastando os pés, com as mãos apoiadas numa rocha fria e escorregadia de umidade.

Três metros. Seis. A luz do celular mal penetrava a escuridão à frente, como se algo no próprio ar absorvesse os fótons.

Nove metros. A passagem se abriu sem aviso numa câmara, e a respiração de Elara travou na garganta.

O espaço era mais ou menos circular, com uns dez metros de diâmetro e um teto que subia para uma escuridão além do alcance da luz. As paredes estavam cobertas de entalhes tão intrincados que não podiam ter sido feitos com ferramentas da Idade do Bronze: exigiriam instrumentos que ainda não tinham sido inventados, uma precisão que falava de paciência sobrenatural ou de algo além do ofício humano. Figuras de túnicas elaboradas cercavam o que parecia um altar. Padrões geométricos se entrelaçavam com cenas que a psicometria dela já começava a interpretar mesmo pelo ar, sem contato: sacrifício, transformação, pacto. Corpos sendo baixados na água. Bocas abertas em canto ou em grito. Mãos erguendo-se da escuridão.

Mas foi o símbolo central que a fez esquecer de respirar.

Dominando a parede do fundo, entalhado com quase um metro de largura: círculos concêntricos cortados por uma linha reta, cercados por caracteres de uma escrita que deveria ser desconhecida para ela. Completamente desconhecida. Nenhum estudioso humano jamais decifrara aquela língua.

Só que ela conseguia ler. Não porque a tivesse estudado. Conseguia ler como se lê a língua materna, sem tradução consciente, com o significado chegando inteiro e terrível:

AQUI SE SELA O PACTO
AQUI SE ENTREGA O SANGUE
AQUI PERDURA A LINHAGEM DA SACERDOTISA
ATÉ QUE AS ESTRELAS VOLTEM AOS SEUS LUGARES DESIGNADOS
E OS AFOGADOS SE ERGAM DE NOVO

As mãos tremiam quando ela ergueu o celular para fotografar o símbolo. Era isto. A prova de uma civilização anterior aos gregos. A evidência que validaria cada risco que ela correra, cada teoria que os colegas haviam descartado. Isto salvaria a carreira dela: provaria que não era louca, não era uma fraude, não estava apenas dando palpites de sorte.

O flash iluminou a câmara por uma fração de segundo, e naquele instante de luz brilhante as figuras entalhadas pareceram se mover. As cabeças virando-se para ela. As bocas se abrindo.

Foi quando ela viu o corpo.

Por um longo momento o cérebro dela se recusou a processar. Não deveria haver um corpo ali. Não numa câmara selada, intocada havia milhares de anos. Não com roupas modernas.

Paletó escuro. Sapatos caros. Uma camisa branca manchada com algo que tinha secado em padrões irregulares pelo torso. Recente.

O cadáver jazia contra a parede do fundo: homem, de meia-idade, os braços posicionados atrás das costas como se tivessem estado amarrados. Marcas profundas de estrangulamento ao redor do pescoço.

Assassinato. Ela estava olhando para um assassinato.

O celular escorregou dos dedos. A câmara mergulhou em escuridão absoluta, e todo horror que ela já imaginara se fechou ao redor. Conseguia ouvir o próprio coração, a respiração entrecortada ecoando nas paredes de pedra. E mais alguma coisa: um som como líquido pingando, ou como algo respirando com pulmões que tinham aprendido a processar água em vez de ar, ou como passos, macios, úmidos e pacientes, avançando pela escuridão na direção dela.

Ela tateou em busca do celular. Achou. Ergueu a luz de novo com mãos que não paravam de tremer.

O facho varreu o corpo outra vez, e desta vez ela viu o que tinha deixado passar.

O antebraço esquerdo dele estava exposto, a manga arrancada. E entalhado na carne estava o mesmo símbolo que dominava a parede da câmara. Ela conseguia ler a ferida como lia tudo o mais: as bordas rasgadas onde ele se debatera, rasas onde a exaustão lhe roubara as forças. Ferimentos de defesa marcavam a outra mão, os dedos dobrados em ângulos errados onde ele tentara revidar. Tinham entalhado nele devagar. Deliberadamente. Queriam que sentisse cada traço. Queriam que entendesse o que estava sendo escrito na sua carne enquanto gritava.

Mas havia mais. Os canais entalhados no chão — os sulcos que ela achara decorativos — levavam ao corpo como artérias convergindo para um coração. E ao redor do cadáver, num círculo perfeito, o chão estava molhado.

Não de água.

De sangue. Fresco o bastante para não ter secado por completo. Fresco o bastante para que quem fizera aquilo não pudesse estar longe. Podia ainda estar ali.

E naquele sangue alguém tinha desenhado símbolos. Símbolos novos, diferentes dos entalhes antigos, traçados com cuidado meticuloso em padrões que a mente horrorizada dela começava a ler, quisesse ou não.

Os símbolos brilhavam: não em sentido figurado, não como um truque de luz, mas com uma bioluminescência fria como a das criaturas das profundezas, como se algo vivo no próprio sangue estivesse queimando. E enquanto ela olhava, eles se moveram. Mudaram e fluíram como escrita viva, reescrevendo-se em configurações novas.

Exatamente como nos sonhos dela.

Elara recuou em direção à passagem. A mente gritava para que corresse...

Foi quando ela ouviu.

Canto.

De algum lugar mais fundo da câmara, de passagens que ela não tinha visto, vozes se ergueram em harmonia. Não eram vozes humanas. Cordas vocais demais, camadas de som demais, como um coro de coisas afogadas cantando do fundo do oceano.

E ela entendeu as palavras:

A irmã volta para casa
O sangue da sacerdotisa desperta
Sete sacrifícios entregues
Mais um para completar o pacto
Bem-vinda ao lar, filha
Bem-vinda ao lar

Ela correu.

A passagem era estreita demais, as paredes se fechando, o ar ficando mais denso. Ela conseguia ouvi-los atrás de si: não eram passos, mas algo pior, algo que se movia pela água e pela pedra com a mesma facilidade, algo que esperava naquele lugar havia séculos pela volta do sangue certo.

Ela irrompeu da caverna para uma luz de tarde que parecia impossivelmente clara depois da escuridão. Não parou de correr. Atravessou os pedregulhos aos trancos, quase caiu duas vezes, continuou até chegar à trilha do penhasco. Só quando alcançou o topo, quando o vento do mar lhe encheu os pulmões, ela parou.

Dobrou-se, mãos nos joelhos, tentando respirar. Tentando pensar.

O celular ainda estava na mão dela. Ainda tinha bateria. Ainda tinha as fotografias.

Ela abriu a imagem do símbolo. Lá estava, clara e inegável. E no canto do enquadramento, mal visível no limite do alcance do flash: uma figura. De pé nas sombras, além do altar. Alta demais para ser o cadáver. Imóvel demais para estar viva em qualquer sentido normal. Os olhos tinham captado o flash da câmera e o devolviam com aquele mesmo brilho opalescente que ela vira no próprio reflexo naquela manhã.

E estava sorrindo.

O celular vibrou. Uma mensagem de um número desconhecido, naquela mesma escrita impossível das paredes da câmara:

Estávamos esperando por você, filha de sacerdotisa. O sétimo selo exige o seu sangue. Volte para a água. Volte para nós.

Você pode fugir. Sua avó fugiu. Sua mãe fugiu. Mas o sangue sempre volta para casa.

Somos pacientes. Esperamos nove mil anos. Podemos esperar você parar de fugir.

Bem-vinda ao lar, filha.

Elara olhou para as próprias mãos. Tremiam. E na luz da tarde, só por um instante, ela conseguiu ver: o brilho tênue de escamas sob a pele.

Crescendo. Espalhando-se. Reivindicando-a.

A transformação tinha começado.

E não havia mais para onde fugir.

A SÉRIE THE AWAKENED

Gostou do capítulo?

CONTINUE LENDO

The Atlantean Shadow · Livro Um

Compre o livro completo na Amazon →

A HISTÓRIA CONTINUA

The Rising Tide · Livro Dois · já disponível

Compre o Livro Dois na Amazon →

The Drowned Stars · Livro Três · já disponível

Compre o Livro Três na Amazon →

ASSISTA

The Monteer Files — crimes reais no YouTube, com títulos e legendas em português

MonteerBooks — como os livros são feitos, com legendas em português

---

AJUDE A SÉRIE

Se você leu The Awakened, uma avaliação honesta na Amazon ajuda outros leitores a encontrá-la. Leva um minuto, e faz mais diferença do que você imagina.

Deixe uma avaliação honesta →

Os livros são publicados em inglês. Esta amostra do capítulo um foi traduzida para o português para os leitores do Brasil.

BRIAN MONTEER

monteerbooks.com